

Alguns aspectos de agonia e opressão universitária

Autor: Alberto Mahúla Francisco, MSc.

Mestre em Economia e Gestão de Educação, pela Northeast Normal University, Licenciado em Pedagogia, Professor de carreira Universitária e do Ensino Geral, pesquisador e orienta palestra focalizado em Economia, Gestão, Liderança, Ensino e desenvolvimento pessoal.

Contactos: +244941612807/albertofrancisco0686@yahoo.com

Resumo

Este estudo foi desenvolvido através de uma metodologia qualitativa que empregou as técnicas de observação, entrevista e bibliográfica. Permitiu observar as evidências referentes ao modo de vida das pessoas dentro e fora do ambiente universitário. Pela mesma via, foi possível buscar uma percepção mais clara e evidente sobre a ansiedade que as pessoas carregam ao ter a pretensão de entrar na universidade, assim como a baixa satisfação que muitos professores, estudantes e utentes de forma geral, apresentam depois de ter consumido algum bem ou serviço universitário. A pesquisa buscou experiências de vários utentes, cujo, súmula das suas ilações, mostram agonia e opressão no modo de agir e de interagir com o meio ambiente universitário. Dentre vários aspectos de agonia universitária, o défice nas políticas de gestão do capital humano, gestão e desenvolvimento pessoal, foram tidos pelos Docentes, dissentes, funcionários técnicos e administrativos como factores de inteira opressão. E, foram percebidos de forma agonizante e opressiva, os aspectos sensíveis, tais como: a fome, miséria, défice habitacional, incluindo as debilidades na satisfação das demais necessidades básicas, referentes a mobilidade, onde a falta de transporte para Docentes, estudantes e funcionários administrativos, baixam por totalidade a auto-estima dos universitários. Assim, a pesquisa sugere que as universidades, gestores e seus colaboradores, que primem em medidas de gestão que possam desenvolver nos universitários a auto-estima, permitindo que estes, sejam deixem de serem guiados pelo sentimento de opressão e agonia.

Palavras-chave: Aspectos, agonia, opressão, universitária

1. Introdução

As universidades são actualmente um tentar de esforços bastantes agonizantes, cuja, mordanças de agonia e opressão, atingem a literatura nas suas diversas paginas da vida. Pois, já não se vê o brilho, alegoria e o charme de entrar ou sair da universidade. Assim, o clamor de opressão e agonia revelam-se de forma plural nas formas de vestir,

conversar/falar e nos moldes de abordar as temáticas dos estudos, a agonia e a opressão nas universidades, assumem “traços sociais, culturais e históricos diversos, atingindo, também, públicos e leitores variados” (Fontineles & Filho, 2019, p. 1).

Aos olhos do Docente, estudante e funcionário técnico universitário, há um semblante cada vez mais triste. Num olhar mais curioso, observa-se no semblante do universitário a vergonha de uma pessoa que anda de roupa meia maroteada, calçados de sola gasta e as lágrimas de um ser sofrido, são derramadas no agir profundo de um utente assíduo dos serviços públicos e privados.

Há na vida universitária mais histórias de sofrimento do que vitória. Pois, existe pouca possibilidade de aproveitamento adequado do capital humano. Assim, os estudos, nem sempre tendem a garantir o bem-estar e a realização feliz das pessoas.

Em muitas sociedades, o estudo como um investimento orientado para o bem-estar, passou a ser um negócio de fácil enriquecimento, vivendo deste modo “a emergência de instituições que denominamos como universidades mercantis e a institucionalização do mercado de ensino universitário” (CALDERÓN, 2020, p. 1).

Cada dia que passa, a cultura académica investida nas pessoas, tende a ser mais orientada ao consumo do que produção. E, isto, faz do sistema do ensino universitário, um factor de desejo implacável em ociosidade, onde a felicidade passa a ser uma utopia. As incertezas para um presente marcante e futuro melhorado, enfermam as famílias que de algum modo pensam que seus filhos, poderiam ser úteis e ricos na sociedade, se estudassem. Para isso, os filhos precisariam de frequentar a universidade, pensando que depois de terminar os estudos, seus filhos seriam mais realizados e as famílias viriam a ser mais felizes.

Na última das circunstâncias, muitos desejos familiares e de novas gerações, tendem a terminar numa simples ilusão. Há motivações e sonhos universitários que tendem cada vez mais a serem bloqueados. E, este bloqueio das motivações, gera uma sociedade de pessoas frustradas e de alma agoniada.

É, bastante agoniante andar e cruzar-se com docentes, estudantes e técnicos de actividades universitárias, gritando de fome, cansaço, pois, os mesmos percorrem vários quilómetros a pé. E, suas universidades nunca têm meio de transporte de apoio para os seus utentes. As universidades não possuem refeitórios preparados para servir os utentes dos serviços universitários, principalmente Docentes, estudantes e funcionários técnicos administrativos.

As universidades, nunca pagam condignamente os seus funcionários, antes, porém há maior possibilidade de impor ordens e leis, que tornam a vida universitária mais difícil, complexa e acima de tudo complicada. No sistema do ensino universitário, os descontos de salários, são cada vez mais abismais.

As leis, normativos e regulamentos, tendem mais ao senso de opressão do que liberdade. Assim, docentes, estudantes, pessoal técnico e administrativos, são muitas das vezes guiados pelo medo. Medo de pensar e agir sob bases de dignidade e liberdade humana.

2. Aspectos de agonia e opressão universitária

Há nas universidades muitos aspectos de agonia e opressão, onde a fome, a pobreza extrema e a miséria apresentam-se com maior tom de ênfase real.

Juntos da fome, miséria e pobreza extrema, inclui-se o mísero salário alocado para os funcionários universitários, os descontos elevados e a lei do chefe que cada vez mais, manda e determina na vida dos Docentes, discentes e funcionários técnicos administrativo. Isto, de facto, faz os apontamentos da carta crítica regida para descrever a vida no quotidiano da universidade (Ribeiro, 2008).

O défice de políticas de gestão e administração do ensino universitário e suas infra-estruturas, são ainda aspectos de agonia e opressão universitária.

Os métodos e técnicas de ensino universitário, são acima de tudo, outros aspectos de agonia e opressão. Muitos estudantes não sentem-se livre de expor as suas ideias, pensamentos e partilhar suas experiencia.

No geral, as universidades, são inculcadas no vernáculo de obediência superior, onde os currículos ocultos enxovalham as mentes universitárias. As formas, técnicas e métodos de ensino, não permitem que os estudantes e professores sejam activos, dinâmicos, criativos e inovadores.

Em muitas universidades, não se pratica o ideal do ensino pragmático consistente em: reflexão, acção, reflexão. Pois, professores e estudantes universitários, são mediatizados por conteúdos de ensino minucioso.

Os gestores na sua maioria, não são formados em gestão e Economia. Não possuem conhecimentos em Economia e Gestão da Educação. E, fazem do sistema do ensino universitário um carrasco, provocando caos em termos do funcionamento e articulação de bens e serviços do ensino universitário.

Muitas universidades, aprovam orçamentos de cunho anual, semestral ou trimestral, sem incluir nenhum projecto de investigação. E, como resultado final, a cultura de pesquisa e investigação científica, está recalçada e adiada para os desejos de quem poder.

A maior parte das instituições de ensino universitário, não incentivam que os intelectuais façam pesquisas por área de especialidade.

Na sua maioria, as universidades, não financiam projectos de investigação científica, nem importa prestar atenção aos estudiosos e investigadores. Aliás, parece ser um senso, de não existir especialidades nas universidades, ou então, os Docentes universitários estudaram tudo, sabem tudo e ensinam tudo?

É, questionável, ver na universidade, principalmente publica, um Docente que lecciona mais sete (7) disciplinas de ensino. E, passa ser agonizante quando o mesmo, auferir um mísero salário, vive numa extrema pobreza. É, acima de tudo um carente que, nem sequer um plano de saúde possui.

2.1. Pobreza extrema

A nível mundial, a pobreza extrema já atinge múltiplas dimensões e constitui um problema de agonia e opressão universitária, por implicar negativamente no âmbito da formação académica e socioprofissional, provocando outros transtornos, cujas consequências, são de carácter universal, que inibem o desenvolvimento das sociedades de geração em geração.

Viver a pobreza extrema na universidade é bastante agonizante e serve de chave para o êxito da opressão, visto que “ser pobre é não ter o atendimento das necessidades biológicas, é não ter condições mínimas de habitação, vestuário, etc. É o não acesso aos bens e serviços necessários à existência humana” (Caetano dos Santos & Arcoverde, 2011, p. 3).

A pobreza extrema é um factor de agonia e opressão socioprofissional, visto que o pobre por extremo, não pensa progressivamente, age por instinto da fome. O pobre quer somente comer agora, realizar-se hoje. E, quando consegue o pouco, o pobre pensa que já tem tudo e o amanhã já não existe.

Para o pobre, o futuro não importa ser construído hoje, pois, a sua esperança de vida é curtíssima. Quem vive na pobreza extrema, a saúde depende do verbo dormir e do acordar, se dormir e acordar isto é que importa, o resto não define saúde nenhuma. Na mente do pobre por extremo, não há brilho, há arrogância e vaidade. O pobre é astuto, pois, a sua esperança de vida é muito curta.

Os académicos viventes de extrema pobreza, são de fácil manipulação, dominação e alienação, na medida em que o pobre de condição extrema, não tem capacidade de autonomia no pensamento e de autenticidade no trabalho.

Na abordagem académica, o pobre não usa um tom de autoridade científica. O pobre faz o inverso, trocando a autoridade em autoritarismo. O pobre é autoritário.

O pobre ao nível extremo, é capaz de usar a ciência para mentir e dominar a classe académica. Assim, o pobre é corrupto, assusta-se e admira-se com tudo. Usa o poder e o grau académico para enganar e intimidar, ao invés de usa-lo para servir, ou seja, colocar-se ao serviço da humanidade.

Na percepção do pobre por extremo, a academia deve ser usada para intimidar e apoderar-se do alheio.

A pobreza na sua dimensão extrema, inibe tendências, mata a inteligência, ilude mentalidades e debilita as capacidades de inovação e criatividade. Por isso, nas universidades, os problemas de fuga e abandono a formação académica; prostituição e o uso de sexo como meio de sobrevivência, aumento exponencial do índice de mortalidade, corrupção e défice de investigação científica, são resultados da pobreza extrema que enferma as sociedades.

2.1.1. Os riscos de extrema pobreza

Uma sociedade de extrema pobreza, vive situações de riscos e o pior se concretiza pelo maior índice de comportamentos desviantes, tais como: a delinquência, preguiça, ódio, fofoca, covardia, fuga a maternidade e paternidade, etc.

Há nas sociedades de extrema pobreza riscos de vida em todos os domínios. Pois, uma sociedade de pobre é de insegurança social. E, é de desconfiança em quase tudo.

As demências nas sociedades pobres são incontroláveis. Existe nestas sociedades défice de hospitais e instituições de orientação e regulação de comportamento animal, atenção e equilíbrio emocional.

Os pobres, não pensam para o bem comum, não possuem inspirações para o desenvolvimento de dimensão futurista e conjuntural. Quem vive na pobreza extrema, quer unicamente satisfação das suas necessidades imediatas.

É, por isso que até mesmo os objectivos do ensino universitário, são cada vez manipulados e de difícil concretização. Assim, a pobreza extrema é de facto um factor de agonia universitária, por afeitar multidimensionalmente 1,3 bilhão de pessoas no mundo. Cerca de metade (644 milhões) são crianças menores de 18 anos. Dentro dos limites da pobreza extrema, quase 85% de pessoas pobres vivem na África Subsaariana.

E, países como Angola, em cada dez (10) pessoas, quatro (4) vivem na extrema pobreza (Bernardo, 2010). E, vivem esta extrema pobreza nas suas múltiplas dimensões¹.

Por incrível que vem parecer, mais de 67% de pobres vivem em países de renda média, onde:

- Um (1) bilhão está exposto a combustíveis sólidos (venda de lenhas) para cozinhar, outro bilhão vive com saneamento inadequado, e outro bilhão tem moradias precárias;
- Setecentos e oitenta e oito (788) milhões vivem em uma família com pelo menos uma pessoa subnutrida;
- Quinhentos e sessenta e oito (568) milhões carecem de água potável.

Em todo o mundo, cerca de dois terços das pessoas multidimensionalmente pobres (836 milhões) vivem em famílias em que nenhuma mulher ou menina completou pelo menos seis anos de escolaridade. Um sexto de todas as pessoas multidimensionalmente pobres (215 milhões) vive em famílias nas quais pelo menos um menino ou homem completou seis ou mais anos de escolaridade, mas nenhuma menina ou mulher o fez².

2.2. Fome

A fome é um dos principais problemas enfrentados pelo mundo actualmente. Há a nível do mundo muita gente a morrer de fome, incluindo nas universidades, os Docentes, estudantes universitários e seus familiares, estão sofrendo de fome. E, por meio da fome, o ensino universitário, condiz-se ao caos.

A fome no mundo é um problema de cunho político, económico, estrutural e climático que atinge diversos países do globo, com destaque para os situados no continente africano.

Pelo menos em Angola, actualmente, milhares de pessoas, sobre vivem apanhando alimentos no lixo depositado nos contentores.

Quando falamos do problema da fome do mundo, não se trata apenas da vontade de comer que as pessoas sentem na hora do almoço ou do jantar. O problema da fome relaciona-se à falta de comida disponível para as pessoas ou na impossibilidade de se conseguir ter acesso ou comprar alimentos (Pena, 2023).

Assim sendo, a fome no mundo está relacionada com a questão económica, vinculada directamente à miséria que algumas pessoas e boa parte dos países sofrem. Actualmente,

¹ author = {UNDP (United Nations Development Programme)},
title = {2021 Global Multidimensional Poverty Index (MPI)},
journal = {UNDP (United Nations Development Programme)},
year = {2021},
location = {New York},

².<https://hdr.undp.org/en/2021-MPI> e <https://ophi.org.uk/multidimensional-poverty-index/>

estima-se que mais de um (1) bilhão de pessoas em todo mundo sofre com esse problema.

Para entender melhor essa questão, os cientistas sociais dividiram a fome em dois tipos: **a endémica ou aberta e a epidémica ou oculta.**

- Fome epidémica ou aberta

A fome epidémica ou aberta é aquela que ocorre graças a situações específicas de uma dada região ou localidade, como pragas que atingem a agricultura e impedem o fornecimento de comida, e a realização de guerras, que geram muitas mortes e misérias entre as pessoas de países atingidos.

- Fome endémica ou oculta

É, aquela que ocorre em virtude da subnutrição, ou seja, quando as pessoas não têm acesso à quantidade de comida suficiente para lhes garantir a quantidade de nutrientes necessários ao organismo.

A fome ocorre em muitos lugares, geralmente em países enfraquecidos economicamente (alguns na África, outros na Ásia e nas Américas), mas esse problema não é exclusivo de países ou regiões pobres. Ele também se manifesta nas periferias de grandes e pequenas cidades de países ricos ou emergentes.

A ONU (Organização das Nações Unidas) e a OMS (Organização Mundial da Saúde) definem que, por dia, cada pessoa precisa consumir no mínimo 2500 calorias. Caso as pessoas consumam, em média, menos do que isso, considera-se que elas estejam com fome endémica ou oculta.

2.3. Miséria

A miséria é um dos aspectos mais agoniantes e de maior opressão das mentalidades universitárias, visto que os pobres por extremo, são maníacos e brincam com coisas e momentos sérios da vida.

É, a miséria que catalisa no meio ambiente social comportamentos de risco, principalmente os vícios de dependência económica e financeira.

A miséria produz sociedade miserável, onde, os miseráveis, estão dedicados na procura de pessoas de caridade que possam oferecer-lhes o necessário para sobreviver. E, uma vez que encontre alguém que o possa atender a sua condição de miséria, o miserável endeusa a pessoa que lhe oferece bens e serviços, honrando por ele, pede profundamente que esta pessoa seja, o digno em oferecer-lhe tudo que deseja na vida.

As pessoas que vivem na miséria, as instituições, incluindo o próprio Estado não os respeitam o homem. Os homens na sociedade miserável, são objectos de dominação,

animação e manipulação. Por isso, um miserável por mais inteligente que seja, nunca é valorizado e pela mesma via, o miserável não exige dignidade.

O miserável, ganha mísero salário e depende totalmente do seu mísero salário.

Assim, a dignidade da miséria está na especulação, bajulação e em endeusar uma determinada classe social.

Quem vive numa sociedade miserável, não tem nenhuma universidade que lhe qualifique em virtude de ser útil e satisfeito dentro dos limites das suas necessidades.

Uma pessoa dotada de habilidades, conhecimentos, inteligência e habilidades, enquanto vivendo numa sociedade miserável, nunca há-de ser valorizado. Nestas sociedades, é quase impossível viver de ciência, artes e tecnologia.

Numa sociedade miserável, a classe académica é inibida em apresentar dotes do desenvolvimento. Pois, neste tipo de sociedade, a cara de bajulação vale mais que a inteligência e sabedoria.

Na miséria, não há capital humano, existe quadros humanos que devem ser manipulados com base a necessidade urgente da senhorita.

É, uma sociedade sobejamente de obediência, cumplicidade, humilhação, obrigação e disciplina cega. Não é uma sociedade crítica, racional e produtiva. É, uma sociedade de consumo passivo de bens e serviços.

2.3.1. Miséria e suas Consequências psicossociais

A miséria é uma arma mortífera, por ser um mal social, que trás consigo consequências bastantes tenebrosas.

Dentre as consequências mais comuns e concretas, as do fórum psicossocial, são as promissoras de desordem social, provocando subdesenvolvimento em todos os níveis e status da vida.

As consequências psicossociais, apresentam carácter horizontal e transversal, por isso, são bastantes notáveis, objectivas e presentes no quotidiano das pessoas.

As consequências psicossociais, apresentam uma característica comum e concreta. E, são imensas, pelo que de forma sintética, neste estudo, constam as seguintes:

- Divisão social em duas classes

A miséria divide a sociedade em duas classes e categorias sociais, que são: rico e miseráveis.

a) Os ricos, fazem a classe da gente que manda, que detém todos os poderes. É, a classe mais dominante. E, é a minoria;

b) A classe social miserável é a maioria. E, é subordinada pela minoria de ricos.

- **Dificuldade de organização funcional e estrutural das instituições, partindo da família.**

A classe miserável é de difícil organização e orientação. Os miseráveis são na primeira instâncias de natureza caótica, não entendem facilmente e só obedecem quando são ameaçados ou estimulados a obediência com o pão na mão.

O miserável é guiado por aparência e nunca pela verdade. Se, poder mostrar a verdade ao miserável, o miserável foge, pois, o miserável goza de tolice e gosta da sua condição de vida.

O miserável gosta de ser mandado a desempenhar actividades rotineiras. É, um instrumento de fácil dominação. Por isso, o miserável é capaz de dançar, cantar e mostrar-se feliz por uma promessa de oferenda de um peixe seco, uma lata de sal, um pouco de trigo de milho, etc.

Uma pessoa miserável é iludida, não gosta de trabalhar, muito menos aprender a fazer boas coisas. Por isso, se alguém procurar ensina-lo de verdade e mostra-lo a verdade com o fim de salva-lo, o miserável foge.

Mas, se poder chama-lo, para dar-lhe comida já feita, bebida e uma música, para engana-lo, o miserável gosta. E, se torna amigo de quem lhe engana e lhe esconde a verdade.

E, quando chega a hora de comer e beber, o miserável gosta de fazer desperdício. Por isso, se, o miserável for a servir por si mesmo, serve até aquilo que não comer. E, no fim abandona tudo no prato ou seja na mesa suja.

O miserável quando lidera uma equipe, não conhece os níveis de hierarquia das sociedades. por isso, guia as suas acções pelo poder de mandar, usando a lei de chefe para imperar e intimidar as pessoas.

E, mata as instituições partindo da família. A família, é a primeira instituição que a pessoa miserável aniquila.

Assim, uma sociedade miserável, a primeira coisa que sabe fazer é desobstrução as instituições, fazendo-lhes perder os objectivos e foco do desenvolvimento.

E, depois da destruição das instituições, segue aniquilando o carácter qualitativo da educação e ensino. Pela mesma via, o miserável desorienta os fins da educação e saúde.

- **Desrespeito a instituição básica da sociedade e da pessoa humana**

O desrespeito as instituições é a característica mais comum das sociedades miseráveis.

Uma sociedade de miséria, não respeita a família como instituição basilar da sociedade, porém, abusa da dignidade e da pureza das famílias, transformando-as de mero instrumento de forja e de dominação.

E, a falta de respeito a personalidade humana, numa sociedade de miséria, constitui algo natural e normal.

Assim, numa sociedade miserável, é normal que uma pessoa humana seja submetido à castigos psicológicos, ofensa moral. E, pela lei nada defende uma pessoa enquanto um simples instrumento de dominação e manipulação.

Sob jugo de miséria, a lei está mais presente para defender os interesses das castas superiores. E, sobejamente para submeter e intimidar as classes dominante, onde a famílias é o pé de partida.

- **Instrumentalização das pessoas**

A instrumentalização das famílias, é o melhor jogo de confiança que uma sociedade miserável sabe fazer. Pois, o miserável, pensa dentre todos os outros bens, o bem mais valioso é o dinheiro, carro, casa e roupa. Isto, dá-se na medida em que o miserável é de natureza iludida, que julga as pessoas pelo ter.

Assim, na visão perceptiva da sociedade miserável, a pessoa vale pelo carro que usa, pela roupa que veste. E, pelo cargo social que ostenta, a pessoa humana na sociedade de miséria não vale pelo saber, saber ser e saber fazer.

Por isso, a teoria do capital humano, neste tipo de sociedade, não é exaltada. E, é mal estudada, compreendida e muito mal aplicada na prática.

3. Metodologia

O estudo empregou uma metodologia de enfoque qualitativo, usando as técnicas de observação, entrevista e bibliográfica como instrumentos de operacionalização metodológica.

Toda a observação, foi efectuada no lugar do habitue universitário. E, enquanto a observação decorria de forma cuidada e espontânea, o pesquisador teve a primazia de interagir directamente com os participantes ao estudo, onde pude perceber quão alguns aspectos de vida universitária, são agoniantes e servem de opressão social, profissional e psicológico.

Assim, aspectos tais como: a fome, miséria, falta de transportes para apoio académico e estudantil de Docentes, estudantes e utentes de forma geral, são aspectos bastantes agoniantes e opressivos.

E, para fundamentar o problema, suscitou na pessoa do pesquisador, a necessidade de desdobrar-se na busca de um bibliografia de aceitação clássica e internacional, a fim de especificar e sustentar sistematicamente o estudo.

Por ser um problema do carácter universal, para além do uso de um raciocínio mais particular, foi necessário generalizar a razão da existência do caso, dando assim, maior ênfase na abordagem qualitativa e fenomenológica do problema.

De forma sucinta, o estudo passou a ser do carácter histórico dedutivo, onde, partindo da história do caso, fez-se o desenrolar do assunto, dando prioridade de análise e interpretação de cada um dos argumentos mais significativo na vida dos participantes afectes ao estudo. E, por fim, construiu-se as ilações conclusivas.

Ao situar toda ilação conclusiva no contexto da vida universitária, foi possível acentuar a abordagem do problema de forma mais sustentado e qualitativamente estudado. E, isto, permitiu construir as vias de consenso e de harmonia significativa do estudo, fazendo surgir as sugestões que serviram de base de apoio para a solução do problema, honra identificado.

As sugestões, por ter uma validade autêntica, serviram de contribuição desta pesquisa, face ao problema que tanto implica na vida socioprofissional das pessoas, debilitando directamente as vias de produção, consumo e de distribuição de bens e serviços universitários.

4. Resultados da pesquisa: Análise e discussão

Os resultados deste estudo mostram que nas universidades há um ambiente de maior agonia e opressão.

Dentre os aspectos de agonia e opressão viventes nas universidades, os aspectos pontuais consistem na fome, pobreza extrema e a miséria.

- **A Fome**

Não se trata da fome como uma necessidade imperiosa do organismo vivo. Trata-se porém da fome como problema de falta de algum bem para o Docente, estudante e técnico universitário se alimentar.

Refere-se da fome como obstáculo conivente de miséria e que impede o bem-estar social e psicossocial das pessoas, mata todas as possibilidades de criatividade, inovação e desenvolvimento social.

Dentro desta pesquisa, a fome apresenta-se como preocupação social que dificulta a aprendizagem, o desenvolvimento cognitivo, académico e científico.

É, a via primaria para que haja nas instituições do ensino universitário maior índice de casos de corrupção, uso do sexo como meio de sobrevivência, fuga e abandono ao ensino técnico universitário.

Neste estudo, a fome foi tida pelos participantes, como sendo um dos aspectos de agonia universitária, na medida em que seria quase impensável ver um acadêmico, Docente, estudante, funcionário técnico e administrativo, queixar-se de fome, sem toda via ter alguma coisa para se alimentar.

Actualmente, os Docentes, estudantes e funcionários técnicos universitários, são forçados a chegarem cedo nas instituições, condicionando-os, na possibilidade talvez de tomar o pequeno-almoço ou seja lanche por outras fontes de renda.

Em virtude de satisfazer as obrigações das instituições e do dever socioprofissional, muitos, académicos, sofrem de fome, pois, as instituições universitárias na sua maioria, não oferecem possibilidades para que as pessoas que dela dependem, possam alimentar-se condignamente ou seja, tenham o mínimo para se alimentar.

Por um lado, há famílias que não tendo o mínimo para se alimentar, seus filhos universitários, são emanados a ir para universidade sem antes, terem tomado alguma refeição para a estabilidade do organismo e da atenção para a aprendizagem. Face há isto, tem-se um ensino universitário vinculado de vícios que impedem os bons êxitos da realização do ensino superior universitário.

- **A Extrema pobreza e miséria**

Actualmente quase a maior parte da população, vive na extrema pobreza e miséria incalculável. E, a extrema pobreza junto da miséria, destrutura significativamente as famílias, cujo, resultados da destruturação social, são vividos nas universidades, onde os Docentes, passaram a ser quase mendigos e seus estudantes sobreviventes de restos dos alimentos apanhados do lixo.

É, exactamente este problema que degrada o sistema universitário de forma geral, onde os Docentes tendem a ser deficitários em pesquisa científica, os académicos de forma geral, têm penúria de usar os títulos e diplomas para intimidar. E, nas suas abordagens, poucos usam a linguagem académica com propriedade.

Vê-se que um académico pobre e miserável, é um mero objecto de manipulação, dominação e não é digno de ter um salário benéfico para o bem-estar. O pobre miserável só trabalha para sobreviver, por isso, o seu salário é mísero.

Um pobre mísero, por mais que estude, não é lúcido, pois, sua sociedade transformou-lhe em simples objecto de manipulação, obediência, dominação e de controlo simples.

É, um sujeito de obediência cega. É, objecto que não reage contra maus-tratos, pois, tem o seu emprego como fonte única de rendimento e sobrevivência.

O académico pobre miserável, de tanto correr atrás de bens e serviços úteis para sobreviver, já perdeu a capacidade de escolha. Por isso, trabalha onde lhe é oportuno.

E, o pobre miserável quando encontra um emprego, tende a valoriza-lo, muito mais que a sua própria vida. Neste sentido, o chefe é endeusado.

A maneira como um académico pobre miserável endeusa os chefes, mata todas as suas capacidades de criatividade, inovação e imaginação.

Por isso, um académico pobre miserável, não é havido de possuir conhecimentos e apresentar habilidades de inovação e criatividade. E, seu diploma serve somente para catapultá-lo aos cargos de direcção e chefia, onde a base do sucesso não é o conhecimento técnico e científico. Pois, a bajulação o promove.

Assim, a pesquisa mostra que os académicos pobres e miseráveis, nunca escapam-se de obediência cega, opressão. E, não são salvos da escravatura moderna.

5. Conclusões

A pesquisa concluiu que existe nas universidades vários aspectos de agonia e opressão, onde a fome, a pobreza extrema e a miséria, são os aspectos de maior agonia e opressão universitária, na medida em que um académico, sofrendo de fome, pobreza e miséria, usa os seus títulos e diploma somente para inspirar medo, intimidar e apoderar-se do alheio.

Um académico, pobre miserável, não tem propriedade nas abordagens, tem seu o seu chefe na dimensão de Deus. Por isso, torna-se objecto de obediência cega, manipulação e não recebe um salário digno. Recebe um mísero salário que serve unicamente para sobreviver.

A fome, a extrema pobreza e a miséria, são aspectos de motivação para a corrupção, abandono e fuga ao ensino Universitário. E, fazem emergir no ambiente universitário o sexo como meio de sobrevivência.

6. Sugestões

Que os gestores públicos e seus colaboradores, possam gerir os bens da sociedade, primando na valorização do capital humano;

Que os gestores públicos, afirmem-se em extinguir a fome, pobreza e miséria por serem aspectos pontuais de agonia e opressão universitária.

Que a fome, a pobreza extrema e a miséria, não levem os universitários a usarem o sexo como meio de sobrevivência, nem possam ser factor de motivação para suborno dos bens e serviços na universidade.

Que os gestores das universidades e instituições do ensino universitário, tenham a satisfação e a valorização das pessoas como ponto de referencia para a existências das instituições. E, tenham meios de transportes e refeitórios para mitigar a fome, ajudando no resgate da auto-estima dos académicos.

Bibliografia

Bernardo, F. (6 de 2 de 2010). Quatro em cada 10 cidadãos abaixo da linha de pobreza. *jornaldeangola* , 1.

Caetano dos Santos, G., & Arcoverde, A. C. (2011). Pobreza: conceitos, mensuração e enfrentamento da pobreza no Brasil. *Jornadas Internacional das politicas publicas* , 1-10.

Calderón, A. I. (2020). Universidades Mercantis a institucionalização do mercado universitário em questão. *São paulo em perspectiva* , 1-12.

Fontineles, C. C., & Filho, P. P. (20 de Março de 2019). Resistência às mordças: história e luta contra a opressão na literatura de Assis Brasil. pp. 1-23.

Pena, R. A. (2023). Fome no mundo. *Escola Kids* , 1.

Ribeiro, J. R. (2008). *A fome e a miséria na alimentação: apontamento para uma crítica a vida quotidiana a partir da geografia urbana*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, letras e Ciências humanas.